



Abstract

Ontologia unicista das falácias

Peter Belohlavek

Prólogo

As falácias não são erros de raciocínio.

Até o desenvolvimento da lógica integradora, as falácias foram consideradas erros de raciocínio ou de fundamentação. Com esta investigação demonstrou-se que as falácias não erros, são condutas funcionais para afirmar crenças ou necessidades.

As falácias respondem a quatro elementos que as condicionam:

- A capacidade de raciocínio
- A capacidade de relacionar-se emocionalmente
- A capacidade de trabalhar frustrações
- O estilo e o estereótipo estratégico a partir dos quais o indivíduo aborda a realidade

A falácia é uma mentira inconsciente. As falácias se sustentam em uma ética baseada nas intenções e não nos atos. É por isso que se encontra no mundo culturas consideradas poucos verazes. Isso ocorre naturalmente quando a ética de uma cultura antepõe as intencionalidades às funcionalidades.

As falácias são o motor de muitas atividades do homem que consegue através delas evadir-se de uma realidade que não pode enfrentar. O homem necessita das falácias para enfrentar situações em que sua auto-estima está afetada e por sua vez as falácias comuns aos homens promovem sua integração em grupos. As fortalezas separam enquanto as debilidades unem os homens comuns. Por tanto, os homens são unidos, entre outras coisas, pelas falácias compartilhadas como "verdades".

Introdução

As falácias são estruturas de pensamento-ação que ratificam crenças a partir da interpretação da realidade através da aparência dos fatos enquadrados dentro de um contexto de idéias hipotéticas que por sua vez sustentam estas crenças. A falácia é um círculo vicioso de pensamento-ação que leva à disfuncionalidade, à marginalidade e à autodestruição de quem a emprega.



As falácias são um mecanismo que as culturas utilizam para evitar a responsabilidade de uma situação e levam a desenvolver permanentes soluções aparentes que logo se mostram disfuncionais. Veremos agora alguns exemplos.

Por exemplo, Galileu Galilei foi condenado por atentar contra uma falácia sobre o conhecimento do universo. Esta falácia estava estabelecida sobre o fato aparente de que o sol girava ao redor da terra. Ainda se diz em linguagem popular que o sol se põe, como se ele se movesse ao redor da terra. Por outro lado, está apoiada em idéias hipotéticas; a Bíblia era tomada como fonte de conhecimento científico e sustentava as crenças das quais necessitavam alguns para atingir seus fins. Esta falácia venceu por anos a realidade.

O determinismo histórico de Marx baseado em uma dialética simples, afirmada antes por Hegel (tese, antítese, síntese), é outra falácia sustentada pela aparência de fatos particulares, de onde uma antítese gerou uma nova síntese, e lhe conferiu um caráter universal. Sustentava uma idéia hipotética de um comunismo perfeito que satisfazia a crença do autor, Marx, de um mundo perfeito baseado na igualdade.

Esta falácia venceu por anos a realidade.

Só o contexto científico, ou o longo período de tempo fazem com que a realidade triunfe sobre a falácia.

As falácias não são erros de raciocínio

Até o desenvolvimento da lógica integradora, as falácias foram consideradas erros de raciocínio ou de fundamentação. Nós demonstramos que as falácias não são erros, são condutas funcionais para afirmar crenças ou necessidades. Analisando a evolução da ciência vemos que nas culturas onde a “verdade” é um valor e se condena a mentira, estão dadas as condições para o desenvolvimento científico e tecnológico. As culturas nas quais a aparência domina têm dificuldades para o desenvolvimento científico e tecnológico.

As falácias constituem os mitos “falazes” que uma cultura adota para assegurar sua sobrevivência. Nos países desenvolvidos e emergentes os mitos são, como diziam os gregos, os caminhos curtos para facilitar a ação das culturas e permitir um automatismo no comportamento que simplifique a ação cotidiana.

A falácia é uma mentira inconsciente

As falácias se sustentam em uma ética baseada nas intenções e não nos atos. É por isso que se encontra no mundo culturas consideradas poucos verazes.



Isso ocorre naturalmente quando a ética de uma cultura antepõe as intencionalidades às funcionalidades. Assim, nasce a “anti-ética” que é uma ética falaz construída sobre:

Ideologias absolutas

Para poder crer em uma falácia social, é preciso que o que valha sejam as intenções, a moral seja projetiva, para sua aplicação ao próximo, e a ideologia absoluta seja o marco que sustente a intencionalidade.

Neste contexto social, o fundamental é que a informação seja tomada como um dado e o conhecimento como uma opinião.

Nas culturas que operam em um nível de consciência e não-intencionalidade, a informação é um dado útil e o conhecimento é informação estruturada logicamente.

Nesse caso, as falácias são funcionais à cultura e permitem desenvolver condutas disfuncionais sem que os participantes sintam culpa por isso.

As falácias têm, portanto, contextos endêmicos em termos sociais, mas a mesma epidemia ocorre também no campo individual.

Os preconceitos são estruturas lógicas de comportamento baseados na experiência que tem o indivíduo. Quando estes preconceitos se afirmam como preconceitos e se tornam totalmente rígidos, ocorre uma estratificação da conduta e para isso se constroem as falácias que a justificam.

Assim como no social, a subsistência ou a sobrevivência é o contexto que estimula a construção de falácias, no contexto individual evitar o risco pessoal é a base para a construção das mesmas.

Quanto maior a incerteza do contexto maior é a difusão das falácias como conduta social normal. A longo prazo, as falácias destroem o que se constrói, mas a curto prazo, as falácias construídas com muito talento (o que era a especialidade dos sofistas), permitem construir pirâmides de fantasias e fazê-las parecer reais.

Depois de muitos anos de utilização de lógica integradora para a construção de campos unificados onde atuar, conseguimos modelar as falácias baseadas em sua funcionalidade já que na realidade são um “conceito” funcional à construção de anticonceitos e à produção de valores agregados aparentes.



Funcionalidade das falácias

Para compreender a funcionalidade das falácias precisamos conhecer o funcionamento do anticonceito desenvolvido na Teoria Unicista de Evolução. O anticonceito busca destruir o conceito e quando consegue influir sobre ele o destrói realmente.

Mas o conceito tem um sistema de defesas que evita que o anticonceito atue e procura eliminá-lo, anulando-o. A partir de um ponto de vista intrínseco, veremos que para um indivíduo é determinante construir uma falácia que lhe permita apropriar-se de valor. Para o ser humano é disfuncional toda ação que vai contra outro membro de sua espécie sem haver fundamento para fazê-la.

Há barreiras éticas interiores que, salvo os psicopatas, impedem uma ação de benefício individual à custa do próximo. Para isso, se constroem falácias que permitem sustentar essa ação de benefício individual à custa do próximo. No mundo das ciências, as falácias permitem construir desenvolvimentos que não correspondem à realidade e dão a possibilidade ao indivíduo de confirmar aparentemente conhecimentos que na verdade não possui.

O benefício da falácia é dar suporte para que as pessoas audazes, cujo objetivo é individual e pessoal, possam satisfazer seu ego ou, em geral, suas necessidades.

A cobiça é o motor do anticonceito aplicado à realidade externa. O anticonceito necessita de falácias para sustentar-se já que sem elas cairia no ridículo porque a afirmação de coisas inconsistentes não pode ser tomada por um indivíduo em seu juízo perfeito.

As falácias são um mecanismo que inclui tanto aspectos racionais como emocionais para afirmar fatos e idéias que não têm fundamento. O fundamento aparente que as falácias constroem tem seu suporte em construções inteligentes para afirmar que as coisas são o que se necessita que sejam.

O mundo está repleto de falácias e elas acontecem na vida cotidiana como moeda corrente em todos aqueles meios onde as crenças e as necessidades estão acima da realidade dos fatos.

Os indivíduos e as culturas de base contratativa possuem uma tendência natural à construção de falácias. Para evitá-las há apenas um caminho, o mais simples, mas o mais doloroso, o contraste permanente com a realidade. Se for possível predizer baseado no conhecimento obtido, e a predição se cumpre, está assegurado que não existem falácias na fundamentação.